

Saídas profissionais – O que é ser sociólogo hoje?

Narrativas breves sobre experiências profissionais em construção

Textos de Alice Santos Silva, Ana Oliveira, Ana Raquel Simões,
Frederico Silva e Liliana Pinto

Introdução por Natália Azevedo e Cristina Parente



IS Working Papers

2.ª Série, N.º 9

Porto, janeiro de 2014

IS Working Papers

2.ª Série

Editora: Cristina Parente

Uma publicação seriada online do

Instituto de Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Unidade de I&D da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Disponível em: http://isociologia.pt/publicacoes_workingpapers.aspx

ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 9

Título/Title

“Saídas Profissionais – O que é ser sociólogo hoje? Narrativas breves sobre experiências profissionais em construção”

Autoras(es)/Authors

Cristina Parente

Alice Santos Silva

Ana Raquel Simões

Liliana Pinto

Natália Azevedo

Ana Oliveira

Frederico Silva



As(Os) autoras(es), titulares dos direitos desta obra, publicam-na nos termos da licença *Creative Commons* “Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal (cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).

Saídas Profissionais – O que é ser sociólogo hoje?

Narrativas breves sobre experiências profissionais em construção

Aplicar e integrar a formação académica graduada e pós-graduada em sociologia com as competências exigidas pelo mercado de trabalho no exercício das tarefas quotidianas dos contextos formais e informais de trabalho é um atributo que nos parece não só necessário como inerente àquilo que define a relação entre a escola e os contextos socioprofissionais.

É com este pressuposto que iniciamos nos *Working Papers* do Instituto de Sociologia uma secção de textos alusivos à prática da sociologia em contextos de trabalho. Têm a particularidade de serem escritos por licenciados e/ou mestres em sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e que, à data do desafio lançado, exercem papéis profissionais diversos, em áreas distintas, aplicando a matriz teórico-metodológica da Sociologia. Os textos resultam de intervenções públicas tidas no âmbito de uma iniciativa anual organizada pela Comissão Científica da Licenciatura em Sociologia da FLUP, intitulada *Saídas Profissionais – O que é ser sociólogo hoje?*, aberta a todos os públicos, mas direcionada, com principal destaque, para os estudantes que frequentam o primeiro ciclo de estudos.

Pretendemos partilhar, por via de testemunhos na primeira pessoa, experiências profissionais que, dentro das suas especificidades, traduzem uma relação entre saberes teóricos e metodológicos adquiridos em contexto universitário e saberes transpostos e construídos em contextos profissionais, em práticas de trabalho e de investigação fundamental e aplicada. Num outro sentido, procuramos dar corpo, operacionalizar ou pôr em prática o intercâmbio constante entre os saberes académicos (pautados pela aquisição crítica e refletida de conhecimentos, de saberes especializados e de práticas de investigação) e os saberes práticos, isto é, o desenvolvimento das competências necessárias à profissionalização crescente do sociólogo. Assumimos, de igual modo, que os papéis profissionais do sociólogo definem-se nos possíveis desenhados pela formação graduada e pós-graduada acerca do social. Somos multivalentes em termos de áreas, mas fundamentados numa matriz teórica e metodológica nuclear e adaptável de acordo com os contextos laborais, com os profissionais com quem interagimos e com os públicos que servimos.

Face às dificuldades estruturais que a inserção no mercado de trabalho coloca, faz sentido relevarmos, na contracorrente do ciclo, dimensões que atravessam, de modo subliminar, as narrativas, ainda que breves e em construção, destes sociólogos em ação: a transversalidade e a versatilidade da formação teórica e metodológica em sociologia; a capacidade de adaptação e a resposta imediata e rápida em contextos complexos; o rigor e a sistematicidade adquiridos com as práticas de investigação; a assunção das virtualidades da intuição social, da criatividade e da imaginação na resolução dos problemas do quotidiano profissional; o vaivém permanente entre

teoria e empiria; ou a valorização das competências adquiridas pela prática constante da interação disciplinar com outros campos científicos e contextos profissionais.

Os textos aqui apresentados, num total de cinco, dizem respeito às interlocuções das duas primeiras sessões que tiveram lugar em abril e maio de 2013 na FLUP: *5 de abril, Anfiteatro 2, FLUP, 10h30-12h30*, com Liliana Pinto, EAPN Portugal/Rede Europeia Anti-Pobreza; Flávio Verdier, Indústria do Têxtil Ave; Alice Silva, Clínica Pinheiro Torres; Moderador: Natália Azevedo, DS/FLUP e IS; e *17 de maio, Sala de Reuniões, FLUP, 10h30-12h30*, com Ana Oliveira, TESE – Associação para o Desenvolvimento; Ana Raquel Simões, ONG Mundo a Sorrir; Frederico Silva, Bolseiro FCT, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Moderador: Carlos Manuel Gonçalves, DS/FLUP e IS.

São narrativas que enquadram experiências profissionais em construção, de feição diferenciada quer quanto às áreas de intervenção (inovação social, desenvolvimento local e social, terceiro setor, qualidade e gestão, formação profissional, marketing, investigação sociológica de dimensão empírica, pobreza e exclusão social, intervenção cultural e social, saúde oral), quer quanto aos contextos mais ou menos formais de exercício de funções profissionais (pequenas e médias empresas, organizações não governamentais e centros de investigação). São textos que abrem um painel de possibilidades, curiosidades e desafios sobre a relação entre os papéis profissionais do sociólogo, os contextos do seu exercício e os conhecimentos e competências adquiridos e em construção permanente.

Natália Azevedo

Cristina Parente

Departamento de Sociologia e Instituto de Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto, outubro de 2013.

Ser sociólogo nas empresas!

Alice Santos Silva

Licenciada em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Profissional na Clínica Pinheiro Torres

E-mail: alice.s.santos@gmail.com

O que é ser sociólogo? Tantas vezes me perguntaram! Acredito que não terei sido a única a ter que responder a esta questão. Pois bem, hoje a minha resposta é um pouco diferente da que dava há uns anos atrás, deixei de usar conceitos ou teorias de definição sobre a sociologia e respondo, simplesmente, o que aprendi ao longo do meu percurso formativo e profissional. A sociologia está em tudo o que faço e ser sociólogo é ter a autonomia e a capacidade para compreender as diferentes partes constituintes da sociedade. No que respeita ao mercado de trabalho, ser sociólogo é ser tanto... é ser versátil, polivalente, adaptável, é estar em constante ação e criação, proporcionando mais-valia ao que se faz.

Escolher sociologia teve um porquê, claro! A minha “paixão” pela área organizacional, a vontade de compreender as organizações, pois pensava que se compreendesse as organizações da sociedade poderia fazer tudo! Não será surpresa a minha escolha de seminário do curso ter-me levado à “especialização” na área da sociologia das organizações, mal eu sabia, e já sabendo, que essa escolha iria mudar a minha vida. A escolha de um seminário ou especialização, o que acharem mais apropriado, é uma etapa muito importante no percurso formativo e futura carreira profissional, e por isso, é preciso deixar de lado o “aquele professor é antipático” ou “eu até gostava de escolher aquele seminário mas o professor não vai com a minha cara” pois isso é história da carochinha. A escolha deve ser porque acreditam que será o que farão bem e serão felizes a fazê-lo.

O meu primeiro contato com o mercado de trabalho enquanto socióloga foi no decorrer do seminário. Foi a prova de fogo! Tive que mostrar que era capaz de fazer o meu trabalho de socióloga. Encarei esta experiência como uma conquista no mercado de trabalho através de um estágio de quatro meses numa Instituição Particular Sem Fins Lucrativos (IPSS), onde desenvolvi a minha tese intitulada *Organizar sem fins lucrativos*. Este foi o impulso para delinear o meu percurso profissional, e acreditei muito nisso, levando muito a sério esse estágio, no fundo, o meu primeiro emprego, sabem? Mas mais importante ainda, o meu primeiro emprego como socióloga, a oportunidade de aplicar na realidade de uma organização os conhecimentos e teorias adquiridos ao longo da minha formação académica. É então que nos apercebemos que, afinal, tudo tem a sua aplicabilidade e tudo

ganha ainda mais sentido quando, inconscientemente, juntamos num só todos os conhecimentos que aprendemos.

Desse estágio e tese tirei conclusões muito pertinentes para a sociologia das organizações e para a área do terceiro setor, que tem profissionais e investigadores de alto nível e que me ajudaram imenso no meu projeto, mas acima de tudo percebi o carácter teórico-empírico de todo o curso de sociologia, que o caracteriza tão bem e o enriquece.

Após esta primeira aventura continuei a minha caminhada na área organizacional através de um estágio numa multinacional onde trabalhei no departamento de formação e com alguns sociólogos com os quais aprendi bastante trocando ideias e teorias. Esta experiência começou por um pequeno estágio e tornou-se num grande desafio e conquista profissional, tornando-me, em 3 anos, coordenadora do departamento de formação da delegação norte, durante o qual apliquei vários conhecimentos que a sociologia me deu: análise de mercado, gestão de recursos humanos, tratamentos estatísticos, metodologias de análise relacional para gestão de clientes, estudei a organização do departamento e fui sentindo o meu *background* a evoluir cada vez mais e a tornar-se gigantesco em comparação ao que era. Para tal contribuiu a articulação que fiz com outras áreas de formação e áreas profissionais onde acabei por intervir, e que me deram as valências que tenho hoje. O que me leva a apresentar o desafio profissional que se seguiu e no qual trabalho nos dias de hoje.

Poucos poderão imaginar que encontrariam um sociólogo a trabalhar onde me encontro de momento, mas onde cada vez mais acredito que fazemos a diferença. Em 2012, abracei um desafio numa PME (Pequena e Média Empresa) inserida no mercado da medicina dentária, uma Clínica de Medicina Dentária, onde trabalho como responsável da qualidade e apoio à gestão da clínica. Uma vez que se trata de uma empresa certificada pela norma ISO 9001:2008, e como nas minhas experiências anteriores adquiri competências nesse tema e área de atuação, consegui ganhar este desafio. Para além das áreas da qualidade e gestão, encontro-me a desenvolver um projeto de prestação de serviços de formação, algo que já advém da minha anterior experiência profissional, e que me proporciona a capacidade e responsabilidade de tornar o projeto mais operacional, mesmo num setor tão diferente como a medicina dentária.

Hoje, ainda vou mais longe e desafio os meus “poderes sociológicos” articulando a sociologia com o marketing, nomeadamente o marketing digital, área em que tenho desenvolvido competências com frequência de algumas formações de forma a poder enriquecer o trabalho que faço. Neste desafio aprendi que a sociologia consegue dar muito a outras áreas de atuação profissional, bem como as outras áreas desafiam as teorias da sociologia, enriquecendo-as no seu formato empírico. Estudar o perfil de clientes, as suas expectativas, a sua representação da marca, relacionar a marca com os clientes, traçar uma estratégia empresarial através do conhecimento da concorrência que a rodeia, avaliar a satisfação dos clientes, os seus hábitos de comunicação e consumo, de forma a poder definir uma estratégia e plano de marketing digital que impulse o negócio da marca, nunca seria possível, de forma tão eficaz e eficiente, sem a união destas duas áreas e é por isto que comecei por afirmar, neste artigo, a minha crença na diferença que um sociólogo faz numa empresa, seja ela qual for. Hoje tenho grandes ambições para a sociologia e o marketing digital que em breve se irão repercutir em projetos reais que espero vir a partilhar.

Assim, a sociologia esteve presente em tudo o que fiz até hoje e proporcionou-me a capacidade de adaptação para enveredar noutras áreas de conhecimento e mostrar como a interdisciplinaridade é só um dos grandes trunfos do sociólogo no mercado de trabalho!

É importante perceber que o percurso profissional não se faz do dia para noite, e mesmo pequeno e inicial, este meu percurso profissional foi árduo e será cada vez mais. Continuo a desafiar-me e à sociologia dia a dia, a cada novo projeto, a cada nova oportunidade, a cada nova empresa ou organização que conheço. Porque o mundo torna-se mais agradável para viver se assim for.

Atrevo-me a deixar um conselho humilde para os futuros sociólogos desta casa *mui nobre* que é a Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Vivam a sociologia pois só assim valerá a pena!

Saudações sociológicas.

O que é ser sociólogo hoje? A teoria na prática e a prática da teoria

Ana Oliveira

Licenciada em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Profissional na TESE – Associação para o Desenvolvimento

E-mail: ana.s.s.oliveira@gmail.com

A opção pela sociologia surge, no meu caso, do desejo intrínseco de conhecer, da vontade de compreender o comportamento humano em sociedade e de a desconstruir, percebendo melhor o seu funcionamento para, de algum modo, aplicar esse conhecimento à vida em sociedade. Este foi o mote. E ao longo de cinco anos de formação pude reforçá-lo, confirmá-lo e torná-lo mais claro, ao mesmo tempo que reunia as ferramentas teóricas e metodológicas que hoje me permitem concretizá-lo.

Na verdade, a licenciatura em sociologia foi fulcral no afirmar da trajetória profissional pretendida. Durante a formação entrei em contacto com uma matriz teórico-metodológica que se revela essencial nas atividades que desenvolvo hoje em dia, uma matriz que molda (não no sentido limitador do termo, mas antes numa aceção orientadora do mesmo) interpretações e modos de fazer e que contribui assim para a especificidade do que é ser sociólogo.

No entanto, não posso deixar de referir que embora as diferentes disciplinas, frequentadas durante os cinco anos de licenciatura, e os trabalhos e projetos que estas implicavam permitissem desde logo um contacto com uma componente mais pragmática da sociologia, a noção de como aplicar a teoria na prática só começou a tornar-se mais clara quando, ainda no decorrer da licenciatura, recebi o convite para colaborar como assistente de investigação no âmbito de um projeto de doutoramento em sociologia a decorrer na Faculdade de Letras da Universidade do Porto - *A instável leveza do Rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Ao longo de quatro anos tive a oportunidade de aplicar, e assim consolidar, os conhecimentos e as ferramentas adquiridos na sala de aula, mas também de firmar a vontade de fazer sociologia. E para isso contribuíram os novos desafios que este projeto de investigação colocou: a) a primeira ida ao terreno com uma maior exaustividade; b) o contacto com agentes sociais muito heterogéneos (em termos de idades, origens sociais, profissões, proveniências geográficas) e a consequente adaptação da forma de abordagem, diria até adaptação das “estratégias de conquista” da participação dos mesmos no projeto; c) a aplicação de diferentes instrumentos de recolha de informação e de análise de dados; d)

o envolvimento na organização de momentos de divulgação e também de devolução dos resultados do projeto aos que contribuíram para a sua realização e ao público em geral.

Uma segunda experiência marcante ao nível da aquisição de competências e de saberes-fazer foi uma nova colaboração enquanto assistente de investigação, desta feita logo após terminar a licenciatura e num projeto do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto intitulado *Ilhas, bairros sociais e classes laboriosas: um retrato comparado da génese e estruturação das intervenções habitacionais do Estado na cidade do Porto e das suas consequências sociais (1956-2006)*. Neste caso, o maior desafio foi mesmo desenvolver uma capacidade de adaptação a diferentes bairros de habitação social da cidade do Porto, lugares onde nem sempre é fácil a recolha de informação. Com esta experiência, ao longo de um ano, aprendi acima de tudo a lidar com o inesperado de cada vez que batia à porta de uma casa sem saber o que me esperava assim que esta se abrisse. Tanto podia ser um “não”, categórico e sem possibilidade de reconversão, como um “sim”, não só ao pedido para responder a algumas questões sobre o bairro, mas também um “sim” a dois dedos de conversa (não necessariamente sobre o bairro), acompanhado por um café e por uns biscoitos. Isto para não falar dos “talvez” ou dos “não” que depois de alguma argumentação se transformavam em “sim”.

Na verdade, ao colaborar nestes e noutros projetos que integrei durante ou logo após a licenciatura, não só pude perceber como poderia traduzir na prática o assimilado na sala de aula, como defini e delimito as áreas de maior interesse pessoal no âmbito do vasto leque de possibilidades e ramificações da sociologia – Sociologia da Cultura e Sociologia Urbana. Ao mesmo tempo, adquiri competências interpessoais e transversais, as chamadas *soft skills*, que hoje em dia reconheço serem de extrema importância no meu dia-a-dia profissional. Falo, por exemplo, da versatilidade, do trabalho em equipa, da tolerância, da capacidade de ter uma visão do todo, da persistência, da proatividade e iniciativa, do foco nas soluções e não nos problemas, entre outras.

Algum tempo após terminar os projetos referidos, respondi a um anúncio de uma Organização Não Governamental (ONG), sediada em Lisboa, que procurava um investigador para desenvolver um projeto no âmbito da Sociologia da Saúde. A área era nova, a cidade era outra, mas as tarefas a desempenhar eram aquelas que sempre tinha realizado, por isso, por que não? Depois de um processo de recrutamento que envolveu um período de avaliação curricular e duas entrevistas de seleção, abracei um novo projeto e vários desafios a nível profissional, mas também pessoal.

A TESE – Associação Para o Desenvolvimento é uma ONGD (Organização Não Governamental para o Desenvolvimento) que cria e implementa respostas inovadoras, que promovem o desenvolvimento social, a igualdade de oportunidades e a qualidade de vida, criando parcerias com os sectores público, privado e organizações da sociedade civil. Existe desde 2002 e atua em Portugal e em países em desenvolvimento nas seguintes áreas: a) inovação local, promovendo projetos de Desenvolvimento Local e de Educação para o Desenvolvimento, em parceria com atores locais; b) consultoria e capacitação, participando, promovendo e organizando eventos e iniciativas de criação de redes, sensibilização e partilha de conhecimento sobre inovação social, desenvolvimento e sustentabilidade; c) redes e *awareness*, trabalhando com entidades dos sectores público, privado e terceiro sector – em Portugal e nos Países em Desenvolvimento – para promover a inovação social; d) investigação, desenvolvendo estudos e trabalhos de investigação, em parceria, sobre as dinâmicas da inovação social, na evolução das necessidades sociais.

É precisamente ao nível desta última área, a investigação, que desenvolvo as minhas atividades enquanto colaboradora da TESE. Inicialmente, e durante dois anos, integrei a equipa do *Estudo de Caracterização da População Pediátrica Infetada pelo VIH, residente em Portugal Continental*, promovido em parceria com a Abraço – Associação de Apoio aos Doentes VIH Sida.

Como referi, apesar da área temática ser nova para mim, o que obviamente implicou uma imersão mais profunda ao nível do enquadramento teórico e conhecimento sobre o tema, as tarefas de definição do objeto de estudo e da metodologia a adotar, a elaboração dos instrumentos de recolha de informação, a ida para o terreno com a realização de entrevistas e a aplicação de inquéritos por questionário, a análise dos dados e a redação de relatórios eram as tarefas que sempre tinha feito até então. As novidades e desafios (para além da própria temática – VIH pediátrico) revelaram-se noutros aspetos. Desde logo no trabalho em parceria com outra ONG (Organização Não Governamental), ou seja, no “trabalho de equipa ao quadrado”, por um lado com os colegas da TESE e, por outro, com uma outra equipa – a da Abraço. Nesta linha, as relações institucionais com entidades parceiras, entidades financiadoras e organismos públicos foram também algo de novo. Ao mesmo tempo que tinha a meu cargo a execução de todas estas tarefas, deparava-me com algo totalmente novo para mim, em que ao longo da minha formação e das experiências anteriores em projetos de investigação nunca tinha estado envolvida. A par das atividades técnicas inerentes ao projeto, vi-me a desenvolver tarefas de gestão financeira do mesmo. A monitorização do orçamento e da sua gestão, a elaboração de relatórios financeiros, o delinear de estratégias de financiamento foram algumas das novas tarefas que aprendi a realizar e que hoje abraço até com satisfação, uma vez que estar a par destas questões me permite ter uma visão mais completa do projeto. Conhecendo a dimensão financeira, consigo ter uma maior e mais real noção do que é exequível ou necessário em termos técnicos.

Este projeto sobre o VIH pediátrico teve uma duração de dois anos e enfrentou algumas dificuldades, em parte pelo carácter mais delicado do tema e da população-alvo, que foram momentos em que a equipa teve de saber motivar-se a si própria. Mas no final, e sobretudo tendo isso presente, foi bastante gratificante perceber que tínhamos chegado onde nos propusemos chegar. Apesar dos planos “b” que tivemos de pôr em prática, conseguimos cumprir o objetivo inicial do projeto – fazer uma caracterização das crianças e jovens que hoje em dia vivem com o VIH em Portugal e a partir daí elaborar recomendações de políticas públicas capazes de promover a melhoria da sua qualidade de vida e da dos seus cuidadores.

Ainda antes do projeto terminar e embora o meu desejo fosse continuar na TESE, como não sabia se isso seria possível, comecei a estar mais atenta e a procurar ofertas de trabalho ao nível da investigação. Cheguei a candidatar-me e a ser chamada para entrevista para o lugar de bolsista de investigação em dois projetos, mas não fui selecionada. Entretanto, tive a confirmação que esperava e fui convidada a continuar na TESE, num novo projeto de investigação que acabava de ser aprovado. E assim, desde Março deste ano faço parte da equipa do *Faz-te ao Mercado: estudo sobre o (des)encontro entre a procura e a oferta de competências no mercado de trabalho e a sua relação com a empregabilidade jovem*. Mais uma vez um tema novo e tarefas semelhantes, o que me faz perceber que a licenciatura me deu as ferramentas teóricas e metodológicas de que necessito para trabalhar qualquer tema. Obviamente que temas que nunca abordei implicarão um maior esforço em termos de enquadramento teórico, mas sei que a minha formação e as experiências profissionais que fui tendo me permitem fazê-lo sem qualquer problema. Por outras palavras, percebo agora que a

licenciatura que fiz em sociologia, ao não se fechar em áreas temáticas específicas, funciona como uma matriz, como um alicerce que vai sendo consolidado e fortalecido com experiências profissionais e com outras apostas formativas, tornando possível diferentes construções.

Paralelamente ao meu trabalho na TESE, tenho a oportunidade de me manter ligada à investigação naquelas que são as minhas principais áreas de interesse no âmbito da sociologia, ao colaborar como investigadora voluntária num projeto de investigação do Instituto de Sociologia na área da sociologia da cultura e da sociologia da música - *Keep it simple, make it fast! Prolegómenos e cenas punk, um caminho para a contemporaneidade portuguesa (1977-2012)*.

Pensando no presente e no futuro, vejo-me a trabalhar no terceiro sector, vejo-me a trabalhar na TESE, uma ONG em cujos valores e missão me revejo. Vejo-me a fazer sociologia, seja integrando projetos de desenvolvimento local como os desenvolvidos pela TESE, seja a fazer investigação com aplicabilidade prática, isto é, com impacto concreto na vida das pessoas. Na verdade, esta é a forma de fazer investigação e sociologia que mais me agrada – utilizar as ferramentas sociológicas para produzir conhecimento com tradução na prática, capaz de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Ser socióloga numa ONGD na área da Saúde Oral

Ana Raquel Simões

Licenciada e Mestre em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Profissional na ONG Mundo a Sorrir

E-mail: cemas@mundoaosorrir.com

Esta pequena reflexão resulta da nossa participação na Conferência “Saídas Profissionais – O que é ser sociólogo hoje?”, organizada pela Comissão Científica da Licenciatura em Sociologia e que teve lugar no dia 17 de Maio de 2013, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O principal objetivo é narrar uma trajetória profissional (ainda que incompleta) num sentido reflexivo entre as competências adquiridas na formação e na investigação (teórico-empírica) e as tarefas/competências/contextos de trabalho.

Iniciámos o nosso percurso académico em 2006, tendo terminado a licenciatura em 2009 e o mestrado em 2011, ambos em sociologia. No ano letivo de 2008/2009 passámos pela primeira experiência de investigação na área das desigualdades sociais, no âmbito de uma Bolsa de Integração na Investigação (BII) no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Estes foram os primeiros passos na área de investigação, cujos conhecimentos aprendidos revelaram-se essenciais para consolidar as experiências que se seguiriam.

Já em 2010, integrámos o projeto *Sexualidades, Juventude e Gravidez Adolescente a Noroeste de Portugal*, desenvolvido pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Esta oportunidade foi de extrema importância para pôr em prática todos os conhecimentos teóricos e metodológicos aprendidos, principalmente ao nível das metodologias qualitativas, área na qual nos debruçámos com bastante profundidade durante toda a colaboração com este projeto. As competências relacionadas com a análise de conteúdo foram exigidas, bem como a capacidade de interpretação, argumentação e reflexão críticas. A experiência foi muito enriquecedora, sobretudo porque nos possibilitou uma abordagem direta ao material empírico, ao seu estudo e análise em estado bruto, e posteriormente uma introdução dos materiais teóricos. Isto para que a experiência e a intuição sociológica pudessem crescer e se desenvolver, relacionando expressões e diálogos com conceitos e abordagens teóricas. Através da colaboração neste projeto, pudemos participar em conferências e publicações científicas com outros investigadores. Entretanto, interrompemos esta experiência devido à tese de mestrado e, durante o ano de 2012, retomámos o trabalho que tinha ficado por terminar.

Durante o ano de 2011 realizámos algumas tarefas de secretariado em eventos, apoio administrativo ao Departamento de Sociologia e também de coordenação do Stand de Sociologia na Mostra da Universidade do Porto daquele ano.

Após o término do mestrado, passaram sete meses até encontrar a primeira oportunidade de inserção profissional (inclusive estando esta fora do âmbito académico/investigação até então conhecido). Tratou-se de um estágio profissional, remunerado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), com a duração de nove meses, numa Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento que atua a nível nacional e internacional na área da Saúde Oral. Os principais objetivos deste estágio foram: a elaboração de candidaturas para projetos financiados; a procura de financiamentos e fundos; a elaboração e coordenação de estudos científicos. Em termos concretos, desempenhámos diversas tarefas desde construir bases de dados, avaliar o impacto social de um determinado projeto nas instituições parceiras e nos utentes, recolher informação sobre financiamento de estudos científicos, até ir ao terreno, observar os projetos em curso, criar instrumentos de recolha de informação e também auxiliar na higienização de próteses dentárias de idosos. Existiram, como é o caso deste último exemplo, tarefas que não requeriam nenhum conhecimento “técnico” ligado diretamente à Sociologia, o que enriqueceu bastante o estágio porque desmistificou a nossa ideia inicial: iríamos pôr em prática (apenas) “aquilo” que tínhamos aprendido na formação académica. Muitos dos conhecimentos hoje adquiridos foram-no através deste tipo de experiências, no terreno, na prática, sem qualquer introdução teórica ou contextualização. E essa é, na nossa opinião, a grande justificação para aquilo que se sente entre a passagem da faculdade para o mercado de trabalho. Só a experiência pelo mercado de trabalho consegue transmitir claramente aquilo que as faculdades se esforçam por exemplificar em termos teóricos e práticos.

Após o término do estágio, encontramos-nos a trabalhar na ONG (Organização Não Governamental) em regime de contrato a termo certo, com a duração de um ano. Esta oportunidade tem permitido aprofundar as ideias e temos vindo a dar continuidade a algo iniciado no âmbito do estágio que foi a criação de um Centro de Estudos. Este tem sido o maior desafio desta experiência profissional. A missão deste Centro de Estudos é promover e desenvolver o estudo e a investigação em temas que dizem respeito à Saúde Oral. Em termos mais específicos, o principal objetivo é dar suporte científico aos projetos realizados pela ONG, bem como dar resposta às questões levantadas no decorrer das iniciativas realizadas no terreno. Esta grande tarefa tem sido difícil de desenvolver por vários motivos. Em primeiro lugar, a Medicina Dentária (e concretamente a Saúde Oral) é uma área científica que está bastante distante das Ciências Sociais. No entanto, quando falamos em Medicina Dentária Comunitária, Saúde Pública, Prevenção, etc. aproximamo-nos significativamente da área do social e aí o trabalho de um sociólogo começa a fazer todo o sentido. Uma outra questão importante tem a ver com a implementação de uma metodologia científica no trabalho diário de uma ONG e isto porque, pelo que sabemos, para que as ONG's, Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS's) e outras possam aliar ao seu trabalho no terreno a investigação científica, precisam de trabalhar em parceria com universidades, centros de investigação e outras organizações semelhantes.

Muitas outras razões poderíamos aqui destacar. Porém, parece-nos mais pertinente explicar aquilo que tem sido a experiência que temos vivido entre o campo da ação e o campo da investigação. Nas primeiras dificuldades surgidas, a tendência foi recorrer à teoria, aos manuais. Cedo descobrimos

que essa solução só nos estava a prender mais ao problema. A forma mais simples de enfrentar o obstáculo (não significando isto que o conseguimos ultrapassar de imediato) foi libertar a mente e deixar que a intuição sociológica se manifestasse. Percebemos de facto que ela existia e que era fundamental pô-la em prática nos momentos em que é necessário ir ao terreno, compreender o que nos rodeia, refletir e depois construir uma forma, cientificamente válida, de a mostrar aos outros. Quase de imediato, descobrimos que aquilo que ambicionávamos fazer era algo semelhante a uma metodologia de ação-investigação. E percebemos também que apesar de nos sentirmos perdidos no terreno, sem saber o que dali retirar, estávamos a desenvolver a nossa sensibilidade sociológica, que advinha do conhecimento teórico que, ao longo do nosso percurso, fomos adquirindo. Aquilo que de mais relevante temos vindo a retirar desta experiência é o desafio de pôr à prova as nossas capacidades reflexivas, de pesquisa e de procura de estratégias e caminhos, que em diversos momentos se revelaram mais importantes do que as próprias capacidades teórico-metodológicas que um sociólogo adquire no seu processo formativo. Em vez de procurar nos livros a resposta às inquietações (nossas e da própria organização), temos vindo a desenvolver uma sensibilidade e abertura para 'escutar' o terreno, os atores sociais, a sociedade. Só desta forma conseguimos, de um ponto zero, construir algo que se mostra inovador, tanto do ponto de vista organizacional como do ponto de vista pessoal, profissional e até mesmo na própria área da Medicina Dentária Comunitária, muito pouco desenvolvida e estudada em Portugal.

Da Formação à Investigação: contributos da formação em sociologia para a investigação científica

Frederico Dias Ferreira da Silva

Licenciado e Mestre em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Investigador Bolseiro no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

E-mail: frederico.silva@ics.ul.pt

Quando em 2005 escolhi como primeira opção no acesso ao ensino superior a Licenciatura em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) fi-lo na expectativa de cumprir uma formação académica de cinco anos. Foi por isso com naturalidade que, uma vez colocada em prática a reestruturação imposta pelo Processo de Bolonha (frequentava o 2.º ano da licenciatura), decidi que quando acabasse a licenciatura, agora de três anos, ingressaria no mestrado de modo a terminar a formação a que me tinha proposto inicialmente e a adquirir um conjunto de saberes e competências que, necessariamente, se antes transmitidos em cinco anos não poderiam desta feita ser lecionados em apenas três.

Outro fator motivou a minha decisão, talvez o mais importante. Sempre foi minha preferência seguir o ramo da investigação científica. Assim, não só porque a obtenção do grau de mestre seria um passo necessário nesse sentido mas porque toda a experiência de desenvolver uma dissertação se afigurava como essencial, pareceu-me fundamental a frequência do mestrado. De facto, porque em grande parte se assemelha a um projeto de investigação, o processo de desenvolvimento da dissertação foi uma excelente primeira experiência neste campo. Por um lado, permitiu-me percorrer as etapas de um processo de investigação científica estando inserido num contexto de aprendizagem e, por isso, com acompanhamento, apoio e orientação científica. Por outro lado, permitiu-me tomar contacto com alguns obstáculos comuns neste domínio e encontrar meios de solucionar eventuais desvios ao plano inicialmente traçado, promovendo uma adaptação às contingências encontradas ao longo da investigação.

Creio que a importância de ser capaz de colocar em prática conhecimentos e competências adquiridas não se restringe à profissionalização do sociólogo em contexto de uma empresa ou organização. Também no que toca à investigação científica existem conteúdos aprendidos em unidades curriculares ligadas às metodologias e técnicas de investigação, à análise de dados – seja qualitativa ou quantitativa – e às correntes teóricas na área temática específica do projeto em causa, cujo domínio da sua aplicação prática é crucial. No meu dia-a-dia reconheço a utilidade do seu treino

e operacionalização durante a formação e por esse motivo entendo que a dissertação se reveste do mesmo potencial, em termos de experiência (semi-)profissional, que um estágio.

O primeiro contacto com a investigação científica ocorreu ainda durante o ano de dissertação, o último do mestrado, uma excelente altura uma vez que se tratava de um *part time* que me permitia fazer o que gostava e conciliá-lo com a realização da dissertação num momento em que já não existia a componente letiva. O projeto, denominado *Pobreza Infantil, Risco e Resiliência*, era desenvolvido pelo Centro de Investigação em Estudos da Criança da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, em colaboração com o Instituto de Solidariedade e Segurança Social e o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Tinha como principal objetivo identificar os perfis de necessidades, de recursos e vulnerabilidades das famílias e das crianças em situação de pobreza com vista a contribuir para a promoção de uma intervenção adequada e eficiente.

Neste âmbito cabiam-me várias tarefas: a análise documental dos processos dos utentes que faziam parte da amostra constituía um bom instrumento para contactarmos previamente com a história de vida dos sujeitos a entrevistar, o que nos facilitava a compreensão da sua realidade familiar e social; a realização de entrevistas estruturadas era o primeiro contacto com as famílias, em que se procurava conhecer o contexto familiar e aprofundar a natureza dos fatores de exclusão e de risco; a aplicação de inquéritos por questionário destinava-se a avaliar diferentes dimensões da vida da criança e do agregado familiar; a elaboração de guiões de *focus group* a realizar com técnicos e dirigentes da Segurança Social pretendia captar a visão institucional do fenómeno e dar voz a técnicos e dirigentes para exporem os principais obstáculos à intervenção técnica; em último lugar, a construção de bases de dados em SPSS para análise da informação quantitativa recolhida. Assim, as competências a mobilizar enquadravam-se predominantemente no domínio das metodologias e técnicas de investigação bem como da análise de dados. Naturalmente, dada a temática da investigação, os contributos teóricos caros à sociologia da pobreza e da exclusão social também se revelaram pertinentes em todos os momentos.

Vários problemas surgiram no decorrer da investigação associados à sua componente empírica. Em primeiro lugar, destacam-se os relativos aos procedimentos amostrais. A amostra, constituída por crianças do Grande Porto entre os 8 e os 12 anos de idade, beneficiárias de RSI (Rendimento Social de Inserção), dividia-se em dois subgrupos: 36 famílias com pelo menos um filho com processo de promoção e proteção, no âmbito do qual foi aplicada judicialmente a medida de apoio junto dos pais; 36 famílias cujos filhos nunca tinham tido processos de promoção e proteção. Esta amostra continha uma elevada mortalidade, quer porque a medida era anulada/modificada ou mesmo porque as crianças faziam 13 anos, o que obrigava a uma constante reorganização e à inclusão de novos casos que substituíssem os que iam sendo excluídos. Por outro lado, em alguns casos as famílias revelaram-se pouco cooperantes, sendo frequente faltarem aos encontros marcados ou interromperem a aplicação dos instrumentos por terem outros compromissos agendados. Era ainda frequente demonstrarem dificuldades na compreensão do que lhes era pedido, evidenciarem dificuldades de expressão ou de tomada de decisões. Este facto obrigava a alguma flexibilidade da nossa parte e relevava a importância dos ensinamentos ligados à conduta do entrevistador no decurso das entrevistas, atendendo às especificidades do público em causa. A elevada carga de instrumentos a aplicar também se revelava um obstáculo substancial. Além de ser extremamente exigente do ponto de vista da disponibilidade dos entrevistados por força da sua quantidade e morosidade, consistiam em instrumentos exaustivos. A entrevista, particularmente densa, demorava

cerca de duas horas a ser concluída. Não raras vezes era necessário interromper a mesma, dividindo-a em duas sessões. De referir ainda que existiam instrumentos a aplicar às crianças e instrumentos a aplicar aos pais (estes em maior quantidade), pelo que era necessário agilizar o processo da melhor forma possível de modo a que a criança não tivesse que ficar demasiado tempo à espera dos pais.

Por outro lado, a análise dos processos era longa, pelo seu carácter denso, pela diversidade de fontes de informação que constavam do mesmo e pelo facto de em pouco tempo termos que nos familiarizar com todo o historial relativo ao agregado em causa. Procedemos à construção de um guião de análise a fim de standardizar a informação recolhida pelos diferentes elementos e garantir que possuíamos todos os *itens* essenciais, possibilitando assim a divisão do trabalho e trocas de informação mesmo entre membros do projeto que não tivessem analisado em detalhe os processos.

A segunda experiência profissional no domínio da investigação científica – a atual – ocorreu ainda antes de o projeto da pobreza infantil estar concluído. Surgida a oportunidade de trabalhar a tempo inteiro num projeto de investigação relacionado com o tema da minha tese de mestrado, decidi mudar-me para Lisboa para trabalhar no Instituto de Ciências Sociais como bolseiro de investigação da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia). Pessoalmente tratava-se de um tema mais cativante e considero-o o retorno do investimento que fiz nesta área durante a minha dissertação. O projeto *A Personalização da Política no Séc. XXI – um projeto de pesquisa sobre eleições democráticas*, tem como principal objetivo fazer uma análise estruturada da importância dos líderes políticos no comportamento eleitoral. Para tal, adota uma metodologia quantitativa, recorrendo à análise de dados secundários recolhidos no âmbito de inquéritos pós-eleitorais aplicados em cada país pelas instituições responsáveis por esse processo.

Enquanto bolseiro, fazem parte das minhas funções a pesquisa e seleção de informação em bases de dados que contenham variáveis pertinentes para a análise; a edição de bases de dados (edição, transformação e criação de variáveis) de forma a adaptá-las às necessidades do projeto; participar na realização de análises estatísticas; participar na redação de *outputs* do projeto, como a preparação de publicações ou organização de conferências; e o desenvolvimento e atualização dos conteúdos do *website* do projeto. No desempenho destas tarefas são transversais as competências aprendidas no que toca à análise de dados quantitativos e ao domínio do SPSS, da maior importância no meu trabalho quotidiano; as metodologias de investigação que estão subjacentes a qualquer projeto de investigação; os conhecimentos e competências adquiridos aquando da realização da tese de mestrado, que me permitiram, por um lado, estar familiarizado com a temática do projeto e dominar as matrizes teóricas e conceptuais relacionadas com o comportamento eleitoral, e por outro, estar familiarizado com o processo de desenvolvimento de uma dissertação, que é em larga medida semelhante ao de um projeto de investigação; o desenvolvimento de um olhar crítico sobre os dados e os trabalhos que vão sendo desenvolvidos; os contributos da sociologia do poder político, estudados ao longo da formação em sociologia. A interdisciplinaridade, valorizada continuamente ao longo da formação, revela-se uma característica essencial face à necessidade de recorrer aos contributos de outras áreas, sobretudo num projeto de investigação que cruza a sociologia com a ciência política, mas também no anterior, que reunia a sociologia e a psicologia.

Da minha breve experiência, destaco ainda um conjunto de *soft skills* que são exercitadas durante a formação e se provam úteis em contexto profissional. Na medida em que a investigação se assemelha ao estudo, investigar é estar num processo de aprendizagem contínua que constantemente recupera rotinas da formação académica. Na busca autónoma de soluções para os

problemas encontrados e na necessidade de estar ao corrente do que é produzido no momento acerca da temática, a capacidade de pesquisa bibliográfica utilizada ao longo da formação é uma ferramenta essencial. Na origem da versatilidade do sociólogo está a diversidade patente na sua formação, que o põe em contacto com variados ramos especializados da sociologia mas também de outras ciências sociais. Essa é, sem dúvida, uma mais-valia profissional na medida em que lhe permite adaptar-se a uma multiplicidade de contextos e problemas.

Um trajeto sociológico por uma cidadania ativa

Liliana Pinto

Licenciado em Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Profissional na EAPN – Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal

E-mail: lilianafcpinto@gmail.com

Responder ao desafio de integrar um grupo de narrativas profissionais significa, acima de tudo, encontrar oportunidade de realizar uma reflexão de um curto trajeto no mundo do trabalho e dar-lhe corpo numa breve história.

A primeira e basilar relação entre esta história e as competências de formação/investigação adquiridas ao longo da licenciatura em sociologia é, desde logo, a impossibilidade da sua escrita sem a existência deste percurso e das bases por ele proporcionadas. Escrever e partilhar esta breve história, no atual contexto de fortes desafios e constrangimentos à empregabilidade, é uma forma de partilhar a pluralidade de lugares onde a sociologia encontra o seu espaço de intervenção e nos quais urge cada vez mais demonstrar o seu potencial de competências e de obtenção de resultados.

O grupo de narrativas profissionais em que se enquadra esta breve história, contextualiza-se numa questão de partida lançada a todos nós que aqui partilhámos as nossas experiências: *Ser sociólogo hoje é?* A resposta mais direta e completa que encontro a esta questão é aquela que responde para mim àquilo que a sociologia me permite e àquilo a que ela me obriga. Ser sociólogo hoje é cultivar diariamente uma cidadania ativa.

Por (d)efeito de formação, uma pergunta de partida reúne um conjunto de pressupostos metodológicos mas devemos assumi-la, acima de tudo, como um excelente exemplo do que a sociologia melhor nos ensina: aprender a questionar e a procurar respostas fundamentadas às questões. Respostas que transmitam a maior pluralidade de visões, garantindo que cumprimos a importante missão de dar voz, nomeadamente, a muitos que dela se encontram privados.

Nesta breve narrativa profissional, há conceitos da sociologia que se revelaram impulsionadores desta história, estando presentes, de forma motivacional, desde o seu início. Desde logo, a imaginação sociológica, de que nos fala Wright Mills, permite que a análise de um problema que parece ser apenas particular possa ser relacionada com os aspetos mais gerais da sociedade. Esta vontade e promoção de competências para “olhar em volta” de uma forma atenta, vê-se, por sua vez, reforçada pela adoção do método da compreensão que Max Weber nos apresenta. É através dele, que a narrativa aqui partilhada, assume a sociologia como ciência que analisa a ação humana

não só a partir do exterior mas também a partir dos significados que os indivíduos atribuem aos seus próprios atos.

Os dois conceitos acima referidos integram a matriz epistemológica da presente narrativa, mas nela importa também destacar a transversalidade de noções metodológicas que têm estado sempre presentes. Falar do percurso profissional que aqui partilho implica reconhecer que nele está sempre presente a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a triangulação metodológica. Muito mais do que conceitos obrigatórios a reter e conhecer, são conceitos obrigatórios a exercer na prática quotidiana de um sociólogo e que têm estado presentes em todas as etapas aqui partilhadas.

A experiência que aqui se descreve inicia-se em contextos de investigação. A oportunidade de colaborar em investigação na área da sociologia transmite-nos competências plurais, demonstrando-nos a aplicabilidade prática de muitas das componentes da matriz teórico-metodológica adquirida em formação. Destacando desta primeira experiência, ainda ao longo do percurso formativo, o contacto com a Sociologia da Cultura e da Música e uma abordagem aprofundada da teoria dos campos de Pierre Bourdieu, permitiram a descoberta das dimensões estruturantes de um universo de inspiração, como é conhecido o universo musical. Colaborar e/ou exercer investigação transmite-nos, necessariamente, ferramentas plurais. É o reconhecimento destas ferramentas que fez surgir na presente narrativa a oportunidade de exercer investigação-ação. Através de conhecimentos e experiências adquiridas na elaboração da tese de licenciatura, revelou-se possível a aplicabilidade da investigação na planificação da ação, produzindo conteúdos para um estudo macroeconómico de um *cluster* de indústrias criativas e colaborando no Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto, Património Mundial.

Inicia-se aqui o contacto com este território central da cidade, que desde então não deixou de estar presente, não só de um ponto de vista profissional, mas igualmente na perspetiva do exercício de uma cidadania ativa na qual a prática do voluntariado tem um papel fulcral.

Desde o primeiro dia de trabalho no Centro Histórico do Porto que a noção de mundos da vida de Alfred Schütz se revelou essencial. Enquanto técnica de desenvolvimento comunitário, função exercida durante o estágio profissional no Centro Social e Paroquial de São Nicolau e posteriormente no arranque de uma associação de desenvolvimento local, foi determinante assumir que para entender os indivíduos é necessário compreender como estes apreendem o mundo. A esta noção acresce a importância de analisar que numa comunidade o que é gerado coletivamente assume uma lógica do “todo maior do que as partes”. Estas noções aplicaram-se em instrumentos práticos como a realização de um diagnóstico social participado e o decorrente fomento de um grupo comunitário. Esta experiência complementou-se com o desenvolvimento de instrumentos de qualificação organizacional. Quando se objetiva uma intervenção de proximidade e participada como aquela que se exerce num centro comunitário, a qualificação da organização revela-se essencial. O desafio do tempo e competências exigidas num processo de qualificação, numa primeira instância, afasta as organizações da sua intervenção de proximidade junto das comunidades. No entanto, os resultados dos processos de qualificação trazem produtos de um conhecimento muito mais aprofundado destas comunidades (e. g. registos de clientes e “padronização” de processos individuais dos clientes/ análises SWOT) e garantem uma pluralidade de momentos e instrumentos de contacto com as mesmas (e. g. procedimentos de avaliação e de sugestões).

Este caminho marcado pela investigação e pela sua aplicabilidade numa comunidade e na qualificação organizacional de uma entidade orientada por e para a comunidade, permitiram um exercício plural de competências e ferramentas que se revelaram os primeiros passos de um caminho até ao presente trabalho como técnica numa Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD). A EAPN – Rede Europeia Anti – Pobreza/Portugal, tem como missão *“contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, em que todos sejam corresponsáveis na garantia do acesso dos cidadãos a uma vida digna, baseada no respeito pelos Direitos Humanos e no exercício pleno de uma cidadania informada, participada e inclusiva”*. Partilhar esta missão numa narrativa em que conto a minha experiência profissional, revela desde logo o reconhecimento da importância da valorização da cultura organizacional quando temos oportunidade de trabalhar com uma ONGD. Esta oportunidade permite-nos compreender que efetivamente a cultura organizacional não é algo que se consolida num manual de acolhimento ou de apresentação de uma organização, é antes uma matriz que está presente diariamente nas multitarefas desempenhadas. Trabalhar numa organização de âmbito nacional, com fortes ligações europeias, mas igualmente presente em domínios locais através dos seus 18 Núcleos Distritais permite-nos perceber que os vários níveis de intervenção se encontram interligados e são interdependentes. Esta experiência tem significado um contacto direto e desafiador com a promoção do trabalho em rede e com todas as potencialidades que este implica, assim como os constrangimentos ao seu desenvolvimento. É igualmente uma experiência de potenciação da participação ativa de públicos vulneráveis.

Esta experiência concretiza-se, até ao momento, no acompanhamento de um protocolo estabelecido entre a EAPN Portugal e o IEFP, IP (Instituto de Emprego e Formação Profissional, Instituto Público). Trata-se de um protocolo feito para as pessoas e com as pessoas, através do qual desenvolvemos seminários, publicações, sessões (in)formativas para profissionais e dirigentes sociais e sessões para públicos vulneráveis, entre outras atividades. O trabalho na EAPN Portugal desenvolveu-se igualmente através da participação no projeto europeu *Violence in Transit*, enquanto técnica de intervenção social, dinamizando atividades de debate e reflexão bem como informação e sensibilização da comunidade geral através de iniciativas de experimentação social com a participação ativa de públicos vulneráveis.

Ser socióloga numa organização de *lobby* na área da pobreza e exclusão social como a EAPN Portugal implica conhecer os números que expressam e fundamentam realidades em que urge intervir e, paralelamente, trabalhar para e com as pessoas que estão por detrás desses números.

Desta breve narrativa que resume cinco anos de experiência profissional em Sociologia, importa destacar que o mundo do trabalho e o mundo formativo devem assumir uma relação ininterrupta, capaz de garantir uma permanente atualização e adequação de ambos os mundos. Esta relação materializa-se, nomeadamente, quando se trabalha no sentido da valorização de uma aprendizagem não formal e no reconhecimento da importância da formação em contexto de trabalho.

O atual contexto do mercado laboral, desafia-nos, desde logo, a revelarmos a mais-valia que podemos constituir neste mercado. Desde a minha base formativa até ao desenvolvimento plural de tarefas descrito, tenho apostado em apresentar como mais-valia a capacidade que nos transmitem de sermos capazes de construir pontes e de, através dessas pontes, unirmos e reforçarmos as potencialidades das margens interligadas.

Concluimos esta história com o que lhe deu início, exercer sociologia é cultivar diariamente uma cidadania ativa, assumindo, como nos ensinou Augusto Boal, que “ser cidadão não é viver em sociedade, é transformá-la”. No Ano Europeu dos Cidadãos, este exercício assume uma relevância destacada que nos demonstra que a importância da cidadania ativa reveste-se, para um sociólogo, de uma maior exigência, aquela que nos compromete em sermos cidadãos e, acima de tudo, a que nos desafia a lutar para que todos tenham direito e condições de exercício da cidadania.

Submetido para avaliação em outubro de 2013.

Aprovado para publicação em novembro de 2013.

Versão final entregue em dezembro de 2013.